

DECADÊNCIA E ANGÚSTIA: MARCAS DA MODERNIDADE NAS OBRAS DE
FLORBELA ESPANCA E AUGUSTO DOS ANJOS

DECADENCE AND ANGUISH: MARKS FROM MODERNITY IN FLORBELA
ESPANCA AND AUGUSTO DOS ANJOS' WORKS

Marcio Jean Fialho de Sousa*

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar como as obras de Florbela Espanca e Augusto dos Anjos contribuem para a divulgação dos valores simbolistas que, por primeiro, foram apresentados por Charles Baudelaire, no final do século XIX. Para isso, analisaremos os poemas “Angústia”, publicado no *Livro de Mágoas*, em 1919, e “A Vida”, de 1923, publicado no livro *Sóror Saudade*, ambos de Florbela Espanca, e os poemas “Gemidos de Arte” e “Decadência”, de Augusto dos Anjos, publicados em seu único livro *Eu*, de 1912.

PALAVRAS-CHAVE: Angústia, Decadência, Modernidade, Desilusão.

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze how Florbela Espanca and Augusto dos Anjos' works contribute to the dissemination of symbolist values. These values were presented by Charles Baudelaire, in the late nineteenth century. We analyzed the poems "Anguish", published in the *Livro de Mágoas*, in 1919, and "The Life", in 1923, published in the book *Sóror Saudade*, both Florbela Espanca, and the poems "Moaning Art" and "Decadence", by Augusto dos Anjos, published in his only book *Me*, in 1912.

KEYWORDS: Decadence, Anguish, Modernity, Disillusion.

1. Introdução

Nas primeiras décadas do século XX surgiram muitos pensadores, poetas e escritores que, se não questionavam os valores apresentados pela modernidade, viviam ou sobreviviam nos dilemas que a modernização social trouxera consigo, tais como a melancolia, o tédio e o sentimento decadente. Elementos esses que comporiam a chamada escrita intimista, na qual o eu-lírico busca discutir e expressar as questões geradas por tais conflitos interiores.

* Doutorando pelo Programa de Literatura Portuguesa da FFLCH/USP-SP, bolsista CAPES e membro do Grupo de Pesquisa Eça – DLCV/USP. E-mail: pavlovfialho@usp.br

No âmbito da literatura, destacamos a figura de Florbela Espanca (1894-1930), poeta portuguesa, e do poeta brasileiro Augusto dos Anjos (1884-1914). Ambos os poetas representaram em seus poemas os sentimentos de decadência e angústia diante da vida e das mudanças da sociedade em que viviam. Outro fato interessante a ser detectado é que ambos não são associados diretamente nem cronologicamente a nenhuma escola literária, no que tange a estilos de época, tanto que Augusto dos Anjos, por exemplo, ora é classificado como poeta simbolista ora pré-modernista nos manuais de literatura.

Tanto Florbela Espanca quanto Augusto dos Anjos, diferente daqueles que estavam buscando as ditas Vanguardas Europeias do início do século XX, retrataram em seus poemas os sentimentos que antes eram valorizados pela estética simbolista.

Segundo Afrânio Coutinho (1980),

O Simbolismo procurou instalar um credo estético baseado no subjetivo, no pessoal, na sugestão e no vago, no misterioso e ilógico, na expressão indireta e simbólica. Como pregava Mallarmé, não se devia dar nome ao objeto, nem mostrá-lo diretamente, mas sugeri-lo, evocá-lo pouco a pouco, processo que caracteriza o símbolo. (p. 215)

Também Erich Auerbach (1972) contribui com esse debate ao apresentar o tédio da civilização como propulsor para as novas formas e funções da palavra no fazer literário:

Ao mesmo tempo, e em íntima relação com o movimento dos parnasianos, o culto da sensação evolui de outra maneira bem mais interessante; alguns poetas, experimentando conhecidas ou pelo menos inexpressas sensações, sugeridas amiúde pelo tédio da civilização moderna e pelo seu sentimento de expatriação no seio dela, e não encontrando mais, nas formas usuais de linguagem poética, instrumentos capazes de satisfazer sua vontade de expressão, começavam a modificar profundamente a função da palavra em poesia. Essa função é dupla, e o foi em todos os tempos: em poesia, a palavra não é somente o instrumento da compreensão racional, tem outrossim o poder de evocar sensações. (AUERBACH, 1972, p. 240-241)

Dessa forma, é possível analisar como as obras de Florbela Espanca e Augusto dos Anjos contribuem para a divulgação dos valores simbolistas que, por primeiro, foram apresentados por Charles Baudelaire, no final do século XIX.

Não ignoramos, porém, que o conjunto da obra, de ambos os poetas, possuem uma expressiva carga confessional, fato que pode ser verificado a partir da leitura de suas biografias.

2. Análise da perspectiva decadentista em Florbela Espanca e Augusto dos Anjos

Para melhor demonstrar o que até aqui tentamos discutir, analisaremos os poemas “Angústia”, publicado no *Livro de Mágoas*, em 1919, e “A Vida”, de 1923, publicado no livro *Sóror Saudade*, ambos de Florbela Espanca, e os poemas “Gemidos de Arte” e “Decadência”, de Augusto dos Anjos, publicados em seu único livro *Eu*, de 1912.

Todos esses poemas selecionados chamam a atenção quanto aos temas fundamentais do decadentismo desde os seus títulos. Em Florbela, temos as poesias “Angústia” e “A Vida”, por exemplo. Enquanto em “Angústia” há uma evidente denúncia do tédio já em sua apresentação, em “A Vida” parece ser apresentada certa esperança que logo se desfaz, já que no primeiro verso do poema o eu-lírico afirma: “É vão o amor, o ódio, ou o desdém” e prossegue dizendo: “Lançar um grande amor aos pés d’alguém / O mesmo é que lançar flores ao vento!” (ESPANCA, 2005, p. 77)

Segundo Zina C. Bellodi (2005), o grande tema das poesias florbelianas “é a expressão da *dor* em várias situações, e com nuances diversificadas, expressão da dor que se dá no confronto *eu-outros*” (p. 22), característica que será bastante citada no decorrer desse artigo.

No tocante aos poemas de Augusto dos Anjos, aqui elencados, assim como em Florbela, temos também a presença de títulos que sugerem o essencial do sentimento expresso na construção dos poemas: “Gemidos de Arte” em meio a “Decadência” da humanidade na qual o homem se vê obrigado a viver, se não sobreviver.

Logo, no poema “Angústia”, soneto com versos decassílabos, rimas interpoladas nos dois quartetos e emparelhadas nos tercetos, o eu-lírico encontra-se em conflito consigo mesmo:

Tortura do pensar! Triste lamento!
 Quem nos dera calar a tua voz!
 Quem nos dera cá dentro, muito a sós,
 Estrangular a hidra num momento!

E não se quer pensar!... E o pensamento
 Sempre a morder-nos bem, dentro de nós...
 Qu’re apagar no Céu – o sonho atroz! –
 O brilho duma estrela, com o vento!...
 (Grifo nosso. ESPANCA, 2005, p. 47)

A voz do eu-lírico que fala dentro de si é um tormento. É uma voz questionadora e opressiva: “E não se apaga (...) / Vem sempre perguntando: ‘O que te resta?...’” (ESPANCA, 2005, p. 47). Questionamento esse que leva o eu-lírico a afirmar no último terceto que não deseja ser mais que “o vago, o infinito! / Ser rugido de tigre na floresta!” (ESPANCA, 2005, p. 47)

O eu-lírico utiliza-se dos vocábulos *vago* e *infinito* que, em geral, dá a ideia de uma distância metafísica, e de *gelo* e *granito* com a ideia de frieza, solidão e morte. Segundo afirma Bellodi (2005), a decorrência da dor e da solidão que afeta o eu-lírico, torna-o amargo e insatisfeito e, por isso, angustiado (Cf.: BELLODI, 2005, 22). Fenômeno esse que não se distancia do todo semântico apresentado em “A Vida”, de 1923.

Em “A vida”, também um soneto petrarquiano com versos e rimas regulares, é apresentada a dor como carro-chefe dos conflitos vivenciados pelo eu-lírico, porém relacionada à figura do outro. O outro é apresentado com desdém e desapego, o que não significará, porém, ausência de angústia:

É vão o amor, o ódio, ou o desdém,
 Inútil o desejo e o sentimento...
 Lançar um grande amor aos pés d’alguém
 O mesmo é que lançar flores ao vento!

Todos somos no mundo “Pedro Sem”,
Uma alegria é feita dum tormento,
 Sabe-se lá um beijo donde vem!

(Grifo nosso - ESPANCA, 2005, p. 77)

No segundo verso da segunda estrofe, a angústia citada anteriormente é salientada na medida em que o eu-lírico não se permite aproveitar os momentos de alegria e satisfação já que a esse momento precede um tormento, isso porque “A mais nobre ilusão morre... desfaz-se...”, continua o eu-lírico.

O apogeu de sua insatisfação e do descompromisso com o outro se dá, porém, no último terceto, no qual o eu-lírico afirma ser tudo relativo e efêmero:

Amar-te a vida inteira eu não podia.
A gente esquece sempre o bem dum dia.
Que queres, meu Amor, se é isto a Vida!...
(ESPANCA, 2005, p. 77)

Esse soneto de Florbela Espanca, lembra, inclusive, o conhecido soneto de Augusto dos Anjos, “Versos Íntimos”, amplamente divulgado pela sua excentricidade, coroadado com o verso “Escarra na boca que te beija!” (ANJOS, 2001, p. 99), mas que nos eximiremos de analisá-lo nesse artigo, deixando para fazê-lo em outra oportunidade.

Portanto, com maior audacidade que Florbela Espanca, Augusto dos Anjos recupera as grandes angústias e solidão que vieram junto com os ecos da modernidade. O poeta de um livro só, como muitas vezes é citado, descreve a degradação total da humanidade, desde a busca de si, passando pelos relacionamentos humanos, tal como fez no desfecho do soneto intitulado “Idealismo”:

E haja só amizade verdadeira
Duma caveira para outra caveira,
Do meu sepulcro para o teu sepulcro?!
(ANJOS, 2001, p. 41)

Nesses versos, o eu-lírico coloca em xeque o nada que é o ser humano e a sua impotência frente à morte.

Segundo A. Arnoni Prado (2001),

na origem de sua nebulosa (vertente assumida por Augusto dos Anjos) está o deslocamento do poeta para um outro universo imaginário, mais próximo do ideário decadentista, mas ainda tributário da alma dúplice do herói romântico cuja face mística tende a dissolver o indivíduo no

todo, apesar de a face intelectual continuar submetendo o universo aos caprichos do indivíduo. (PRADO, 2001, p. XXII)

É possível verificar essa dissolução do indivíduo, tal qual assinala Prado, em muitos poemas do poeta paraibano, dos quais apontaremos aquele cujo título já sintetiza a essência de toda sua obra: “Decadência”.

O poema “Decadência” apresenta a estrutura visual de um soneto sem, no entanto, obedecer a rigidez dos versos regulares; por outro lado apresenta, além dos dois quartetos e dos dois tercetos, rimas regulares, cujo esquema se dá pela sequência: ABBA / ABBA / CDB / CDB.

Quanto ao conteúdo temático, o poeta apresenta a desconstrução da vaidade como elemento insustentável mediante a fragilidade humana:

Iguais às linhas perpendiculares
Caíram, como cruéis e hórridas hastas,
nas suas 33 vértebras gastas
Quase todas as pedras tumulares!
(ANJOS, 2001, p.72)

O eu-lírico coloca em questão toda a problemática antes apresentada pela conhecida passagem bíblica do livro do Eclesiastes: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade.” (Cf.: Ecle 1,2). Em seguida, continua o eu-lírico:

(...)
Como quem quebra o objeto mais querido
E começa a apanhar piedosamente
Todas as microscópicas partículas,

Ele hoje vê que, após tudo perdido,
Só lhe resta agora o último dente
E a armação funerária das clavículas.
(ANJOS, 2001, p. 72)

Augusto dos Anjos imprime em seus versos a angústia e a miséria humana a partir da imagem do ser em putrefação, ou seja, em “Decadência”. Segundo Alfredo Bosi, “Para o poeta do *Eu*, as forças da matéria, que pulsam em todos os seres e em particular no homem, conduzem ao Mal e ao Nada, através de uma destruição implacável (...)”. (BOSI, 1980, p. 323)

Já o poema “Gemido de Arte”, de Augusto dos Anjos, não se distancia muito do que temos dito até agora acerca do conteúdo temático, porém vale salientar alguns pontos que chamam a atenção de um leitor mais atento.

O grande projeto proposto e difundido pela modernidade foi o projeto de estetização da vida por meio da arte (Cf.: HARVEY, 1989), que teve como um dos seus precursores o poeta Charles Baudelaire que contribuiu sobremaneira com essa tese no texto “O pintor da modernidade”, publicado em 1865.

Partindo dessa perspectiva, o título “Gemidos de Arte” propõe algumas interpretações que podem ser confirmadas no corpo do poema que, diferente dos outros até aqui analisados, não se trata de um soneto, mas de um longo poema subdividido em três partes, organizado em quartetos.

Se o projeto da modernidade era a estetização da vida e aqui buscamos aproximar as consequências dessa modernidade nas obras analisadas, logo os “Gemidos de Arte” referem-se tanto a arte que expressa o sofrimento do homem moderno quanto ao fracasso do projeto modernista que seria constatado nos debates pós-modernistas de Harbermas, Jameson, entre outros pensadores.

Partindo da análise de que a arte expressa os sentimentos do homem, é interessante notar, no decorrer desse poema, que todo sofrimento humano está na *desilusão*, ou seja, está em sair de uma condição enganosa para uma tomada de consciência. Diz o poema:

Esta desilusão que me acabrunho
É mais traidora do que foi Pilatos!...
Por causa disto, eu vivo pelos matos,
Magro, roendo a substância córnea da unha.

(...)

Por que Jeová, maior do que Laplace,
Não fez cair o túmulo de Plínio
Por sobre todo o meu raciocínio
Para que eu nunca mais raciocinasse?!

Pois minha Mãe tão cheia assim daqueles
Carinhos, com que guarda meus sapatos,
Por que me deu consciência dos meus atos
Para eu me arrepender de todos eles?!

(Grifo nosso – ANJOS, 2001, p. 77-78)

O eu-lírico questiona o porquê de sua capacidade de pensar, para quê ter consciência se essa o faz sofrer?

Na segunda parte do poema, o eu-lírico tenta sair da condição de tristeza que a tomada de consciência lhe trouxe.

Reúnam-se em rebelião ardente e acesa
Todas as minhas forças emotivas
E armem ciladas como cobras, vivas
Para despedaçar minha tristeza!
(Grifo nosso - ANJOS, 2001, p. 80)

Na terceira parte, o eu-lírico se confunde com o próprio poeta, como podemos verificar nos versos: “Eu, depois de morrer, depois de tanta / Tristeza, quero, em vez do nome – Augusto, / Possuir aí o nome dum arbusto / Qualquer ou de qualquer obscura planta!” (ANJOS, 2001, p. 80-81), em seguida utiliza-se do recurso da memória para, enfim, debaixo do *sol* aceitar viver tristemente a condição de desenganado: “à luz da consciência infame, / À carbonização dos próprios ossos!” (ANJOS, 2001, p. 83).

3. Algumas considerações

Depois da análise desses poemas, é possível afirmar que Florbela Espanca e Augusto dos Anjos consolidam, em suas obras, os sentimentos de decadência e de angústia presentes no Simbolismo do final do século XIX ao mesmo tempo em que representam a posição de intelectuais racionalistas. Ambos exprimem por meio de seus poemas as crises existenciais vividas pelo homem moderno, compartilham reflexões, mesmo que essas não cheguem a resultados prazerosos, já que o caminho do engano para o desengano é árduo e torturoso, conforme afirma Augusto dos Anjos no final do soneto “Contraste”: “Às alegrias juntam-se as tristezas” (ANJOS, 2001, p. 70), e apresentam o fazer literário como espaço de partilha da des-ilusão.

Referências Bibliográficas

- ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. SP: Martins Fontes, 2001.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis - a representação da realidade na literatura ocidental**. SP: Perspectiva, 1972.
- BELLODI, Zina C. *Florbela Espanca – discurso do outro e a imagem de si*. Tese de Doutorado. Araraquara: Unesp, 1987.
- _____. “Florbela – Vida e Obra, uma apresentação”. In: ESPANCA, Florbela. *Melhores Poemas – Florbela Espanca*. SP: Global Editora, 2005.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. SP: Cultrix, 1980.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. RJ: Civilização Brasileira, 1980.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. “Florbela e os estereótipos de um arquétipo”. In **EPA – Estudos Portugueses e Africanos**. Nº 2, novembro de 1983.
- ESPANCA, Florbela. *Melhores Poemas – Florbela Espanca*. SP: Global Editora, 2005.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. SP: Loyola, 1989.
- PRADO, Arnoni A. “Um fantasma na noite dos vencidos”. In: ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. SP: Martins Fontes, 2001.